



Artigo de Ação Extensionista

Projeto de Extensão “Ciência Política nas Escolas”: adaptação e oportunidades de crescimento em tempos de pandemia

Extension project “Ciência Política nas Escolas”: adaptation and growth opportunities amidst the pandemic

André Luiz Coelho¹
Cristiane Batista²
Dellano Mattos³
Lucca Fantuzzi³
Matheus Degani³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a atuação do Projeto de Extensão "Ciência Política nas Escolas", realizado pela Escola de Ciência Política, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e apresentar, com base na perspectiva apresentada, como a Educação e a Ciência podem avançar em um ambiente de pandemia mundial e paralisação de atividades presenciais. Para cumprir tais objetivos, serão utilizados os dados coletados sobre o alcance do Projeto em suas redes sociais, bem como apresentar a dinâmica das atividades propostas durante o período de pandemia.

Palavras-chave: Ciência Política nas Escolas; Extensão; Educação; Pandemia.

Abstract

This article has the objective of analyzing the extension project “Ciência Política nas Escolas”, ran by the School of Political Science, in the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) and present, basing itself off the analyzed perspective, how Education and Science can progress amidst a world pandemic and frozen presential activities. For such, it'll be used the data collected about the program's reach in its social media, as well as the activities proposed during the pandemic.

¹ Professor adjunto da Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - andreluizrj@gmail.com

² Professora associada da Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - cristiane.batista@unirio.br

³ Alunos do curso de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - dellanomattos@gmail.com; lucca.fantuzzi@gmail.com; matheusdegani@gmail.com



Keywords: Ciência Política nas Escolas. Extension Project. Education. Pandemic.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar como o Projeto de Extensão Universitária "Ciência Política nas Escolas", idealizado pela Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), desenvolve suas atividades durante a incidência da pandemia do SARS COV 2 (também conhecido como Covid-19 ou Coronavírus), desde o mês de março até julho de 2020. A análise se dará com o uso de dados de alcance das redes sociais do Projeto, bem como a apresentação das atividades desenvolvidas - tanto no contexto anterior à pandemia e às medidas de isolamento social quanto no contexto contemporâneo.

Contudo, antes da análise dos dados, faz-se necessário introduzir uma breve discussão sobre a própria Extensão Universitária - no que diz respeito à sua conceptualização, origens (internacional e nacional), objetivos e importância, bem como sobre a dinâmica das atividades do projeto desde sua fundação, no ano de 2015.

Entende-se que a Universidade é constituída de três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Este último é o que mais se desprende do âmbito da sala de aula e dos laboratórios; como também estabelece de forma mais intensa a interdisciplinaridade e o contato com o mundo externo ao território universitário.

Para dizer de forma simples, a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias. (DE PAULA, 2013, p. 6)

Segundo Mirra (2009), um dos primeiros programas formais de extensão universitária se deu em 1871, na Universidade de Cambridge - lá, com o nome de "cursos de extensão" -, e por meio deste programa, cursos de Literatura, Ciências da



Natureza e Economia Política foram levados à população do Reino Unido. Em Oxford, no entanto, outra vertente surgiria; mais preocupada com a questão operária, quase como um movimento social, que levou cursos de História a operários e mineiros ingleses.

De Paula (2013) complementa dizendo que após o projeto migrar pela Europa, chegou aos Estados Unidos em 1892, no formato de *American Society for the Extension of University Teaching*⁴, incidindo na Universidade de Chicago e, posteriormente, na de Wisconsin.

Rocha (2001), por sua vez, traz em seu livro uma nova discussão acerca da origem da extensão universitária. Aponta que existe um debate sobre as primeiras escolas gregas, com a transmissão de ensino em aulas abertas - mesmo que para poucos e com baixa capacidade de transformação social - como um começo incipiente do que viria a ser determinado enquanto extensão universitária. Porém, defende a hipótese do surgimento da extensão universitária na Europa do século XIX. O que o referido autor argumenta, no entanto, é que, em ambos os casos - tanto na Inglaterra, quanto na Grécia - o que se percebia um ensino ainda verticalizado, autoritário. Na Inglaterra, o referido autor apontava ainda a existência de interesses do capital no desenvolvimento da extensão universitária.

Freire (2006), argumenta que esse momento inicial da extensão universitária era caracterizado pelo autoritarismo, pela 'coisificação do homem':

No diálogo com o pensamento freiriano podemos analisar estas práticas de extensão a partir da crítica feita pelo educador ao processo verticalizado e que "coisifica" o homem. E com base na categorização feita por Freire em seu trabalho "Extensão ou Comunicação" (2006), podemos apresentar este momento inicial da extensão como um momento autoritário da universidade, que desconhecendo a cultura e o saber popular, apresentava-se como detentora de um saber absoluto, superior e redentor da ignorância. (SERRANO, 2013, p.2)

Rocha (2001) aponta que, se no primeiro momento - seja o das escolas gregas ou o da realidade inglesa - havia um verticalismo, no segundo, o que se via era um

⁴ Tradução do inglês: Sociedade Americana de Extensão do Ensino Universitário



voluntarismo. Na América Latina, houve grande incidência dos movimentos sociais estudantis no que o autor chama de “Ação Revolucionária”, principalmente nos anos anteriores à segunda década do Século XX. Na Argentina, por exemplo, o movimento estudantil de Córdoba torna-se um dos marcos dos novos paradigmas da extensão universitária, por ser mais processual e comprometida com transformações sociais, mais ideológica e pensada a partir da militância política dos docentes e discentes.

O que era argumentado por esses movimentos estudantis era a existência do desvencilhamento da grade curricular com a realidade da população de um país, e o entendimento de que essa realidade não era cabível e, muito menos, ideal. Portanto, aqui podemos perceber o tracejado de um objetivo: o de fortalecer a universidade e seus valores à medida que aproxima e expande o conhecimento para o povo fora de seus muros, preocupando-se com problemas reais da nação (BERNHEIM, 1978).

A ação dos estudantes, a partir de Córdoba, colocará a extensão Universitária em evidência, com a criação de Universidades Populares em várias nações latino-americanas. A Extensão Universitária vivenciada em forma de Universidades Populares, passará a ser vista pelos militantes dos movimentos universitários como uma obrigação... Nas Universidades Populares, os estudantes colocavam em prática metodologias, tecnologias e difundiam concepções de educação e de vida em sociedade, o que não tinham condições de vivenciar nas Universidades que estudavam. (ROCHA, 2001, p. 19)

Na década de 1930, o Brasil, segundo Rocha (2001), viveu o que podemos chamar de Ação Sócio Comunitária Institucional, tendo em vista que o país passou à época por uma extensa reforma universitária. O decreto N° 19.851, de 11 de abril de 1931, determinava que a extensão seria definida pelos seus objetivos de prolongar, em benefício coletivo, a atividade técnica e científica dos institutos universitários, por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, que seriam organizados pelos diversos institutos das Universidades, com prévia autorização do Conselho Universitário (Brasil, 1931). Neste caso, os cursos e conferências se destinariam principalmente à difusão de conhecimento útil à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à propagação de ideias e princípios que resguardam os interesses nacionais e poderiam ser realizados por qualquer instituto universitário ou



em institutos de ensino técnico ou superior, de ensino secundário ou primário ou em condições que os fizessem acessíveis ao grande público.

Como menciona Serrano (2013) em seu ensaio “Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire”, reincide-se neste momento uma verticalização, tendo em vista que o conhecimento se inicia a partir de uma Universidade, sendo esta detentora do conhecimento e que então repassa seu arcabouço científico para a população despossuída desse tipo de informação.

Por muito tempo vigorou no Brasil tal verticalização, seja pelo fato das Universidades aqui serem datadas em sua grande maioria do Século XX, sob controle de uma matriz religiosa-conservadora, seja por conta do regime militar de 1964, que censurou e abandonou projetos de horizontalização do ensino tal qual idealizado por Paulo Freire (Gurgel, 2001). Como podemos perceber, são recentes as transformações que culminaram no modelo que vigora hoje - o Acadêmico Institucional. Datado de 1987, o Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), foi responsável por regular a extensão universitária como

(...) processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (Fórum Nacional, 1987)

De acordo com Serrano (2013), a regulação da extensão universitária a partir de 1987 deve muito aos modelos imaginados por Paulo Freire, uma vez que abriu espaço para a discussão sobre a “indissociabilidade entre os fazeres acadêmicos e a desmistificação da Extensão Universitária como militância política; o conceito da troca,



da extensão como via de mão dupla, e a Extensão como produção de conhecimento” (Serrano, 2013, p. 10)

Portanto, entender as origens e os momentos da extensão universitária no âmbito global e no foco da América Latina, mais especificamente no Brasil, é importante para que possamos, então, compreender o caso mais específico tratado neste artigo: as atividades, as finalidades, os objetivos e as motivações do Projeto de extensão universitária da Escola de Ciência Política da Unirio - o “Ciência Política nas Escolas”. O projeto se pretende horizontal, na medida em que é criado conjuntamente pela comunidade docente e discente da Escola de Ciência Política, com o objetivo de aproximar a população que se encontra além dos muros da Universidade à política, de forma didática e simplificada.

2. O Projeto “Ciência Política nas Escolas”

Fruto dos debates políticos que surgiram pelas manifestações de junho de 2013, o Projeto Ciência Política nas Escolas busca acompanhar os jovens brasileiros na sua relação com temáticas ligadas à Ciência Política. O objetivo do Projeto é ampliar o conhecimento cidadão e oferecer de forma didática e acessível as principais discussões sobre temas e atores envolvidos na realidade política nacional e internacional.

Além disso, o projeto colabora para o processo de formação dos estudantes do curso de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) através de atividades de pesquisa, ensino e extensão. A proposta, portanto, é desenvolver pesquisas conceituais e metodológicas, com a participação de professores e demais estudantes e, em uma perspectiva interdisciplinar, elaborar uma série de materiais didáticos que servem de apoio ao desenvolvimento de atividades em escolas do ensino médio da Rede Pública do Rio de Janeiro diretamente conveniadas à UNIRIO ou por meio da Secretaria Estadual de Educação.

A priorização pelo Ensino não privado se dá pelo entendimento de que as universidades públicas brasileiras têm o papel de desconstruir os processos de exclusão social que impedem grupos sociais menos privilegiados de se colocarem de



forma autônoma e proativa diante da realidade social. Assim, criar laços com escolas públicas é um primeiro passo para seguir no desenvolvimento de uma educação entendida como um bem público e um direito social.

O material didático utilizado nas atividades do Projeto foi desenvolvido dentro desta lógica - adotando um formato de cartilha - contendo 12 temas que permeiam o debate político. Aborda-se desde o mais basilar, como “O que é a Política” e “Democracia e Autoritarismo”, até tópicos mais específicos como “Sistemas Eleitorais” e “Políticas Públicas”.

Com a pandemia em curso no ano de 2020, a interrupção das atividades presenciais em grande parte das escolas públicas causou impactos no Projeto. Como majoritariamente o seu foco consistia em visitas presenciais para realizar as atividades, depara-se com uma situação atípica que demandou adaptações para sua não interrupção por um período indeterminado.

Assim sendo, decide-se pela mobilização em plataformas já existentes e consideradas de fácil acessibilidade: as redes sociais. Apesar de já se encontrarem em atividade, os períodos de inatividade em nossas plataformas digitais eram mais longos e sua mobilização era referente às visitas em escolas - atividades majoritariamente presenciais. Optou-se, neste momento, por um trabalho mais intensivo nas redes sociais. Publicações de vídeos com temáticas relacionadas ao material didático criado pelo projeto, imagens e pequenos textos buscando trazer a atenção sobre o tema, além de chamadas para tais publicações. Com foco no Facebook e no Instagram, analisa-se aqui o crescimento proporcionado por tal atividade remota, e investiga-se a efetividade de tal método como forma de criar um espaço de troca de conhecimentos políticos, uma vez que não existe apenas uma exposição temática, mas também um espaço aberto ao diálogo por intermédio da seção de comentários.

3. Atividades do projeto

3.1 Atividades em tempos de pré-pandemia



Antes dos tempos de pandemia, com o objetivo de garantir uma melhor organização dos eventos - e levando em consideração variáveis como número de alunos, tempo disponível e infraestrutura - foram pensados modelos de atuação distintos a serem levados à instituição de ensino visitada. São eles: palestra, oficina e minicurso.

As palestras referem-se às apresentações de temas do material didático, com duração média de uma hora e meia, comumente realizada no auditório ou quadra do colégio anfitrião. Normalmente o assunto a ser tratado é introduzido por um dos professores do projeto, que após 15 minutos cede a palavra aos discentes participantes. Um exemplo da aplicação deste método se deu no Colégio Estadual André Maurois, em 2018.

Os minicursos propõem encontros regulares (mais de dois) com duração de uma hora cada, onde os dias e horários são acordados com a própria escola. As aulas são ministradas pelos(as) alunos(as) da UNIRIO e inauguradas com a presença de um(a) professor(a), com emissão de certificados da UNIRIO aos ouvintes. A metodologia se baseia em buscar pontos de partida para a discussão sobre a temática política que esteja diretamente vinculada à realidade social dos membros envolvidos, tanto do Projeto, quanto da organização atendida. Por exigir certa flexibilidade temporal por parte dos professores das escolas, tal modelo é o de maior complexidade e ainda não posto em prática nas escolas visitadas.

Por fim, as oficinas foram projetadas com o intuito de colaborar para que os alunos do ensino médio aprendam na prática. São oferecidas atividades socioeducativas relacionadas aos temas do material didático, agregando ao processo às experiências individuais de cada pessoa envolvida. As dinâmicas são conduzidas pelos graduandos da Escola de Ciência Política, com a coordenação de um docente, com duração de 2 a 3 horas. São criados subcampos da temática, onde os secundaristas são divididos e alocados, com um aluno da UNIRIO mediando a discussão. Durante o processo, os estudantes do Ensino Médio apresentam suas impressões sobre o tema, onde os vocábulos utilizados pelos próprios estudantes são observados escritos em uma cartolina pelo mediador, a fim de se elaborar mapas conceituais para que



posteriormente sejam apresentados para seus colegas de classe, promovendo um método de aprendizagem por meio do ensino. Ao final, os professores coordenadores do projeto fazem seus apontamentos sobre tudo o que foi trabalhado em sala de aula. Em termos práticos, foram realizadas duas oficinas no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp - UERJ), em 2019.

Com o advento da Pandemia de Covid-19, foram mantidas reuniões semanais entre professores e membros do Projeto por intermédio da comunicação remota. Um dos encontros mais importantes foi planejado no dia 26 de maio de 2020, quando os participantes reformularam conjuntamente as estratégias para o desenvolvimento das atividades durante a pandemia. O parecer foi no sentido de buscar a elaboração de vídeos explicativos feitos pelos discentes do curso com o objetivo de serem compartilhados nas redes sociais do Projeto Ciência Política nas Escolas.

3.2 Atividades durante a pandemia

A primeira atividade voltada exclusivamente para o período da pandemia foi a apresentação do Projeto por meio de postagens no Facebook e no Instagram, para aproximar os seguidores e evidenciar o intuito em realizar atividades remotas. Não por acaso, o conteúdo que se seguiu foi um vídeo de uma das coordenadoras do projeto, a professora Cristiane Batista, acerca das origens e objetivos do Ciência Política nas Escolas.

Mantém-se, até julho de 2020, mês de envio do artigo, a regularidade de publicações de vídeos referentes ao material didático do projeto, tanto no Instagram, quanto no Facebook, protagonizados por voluntários, bolsistas do projeto e pelos coordenadores. Cada vídeo foi elaborado de forma curta e didática para ser um material tão acessível quanto o possível, buscando congruência com o público-alvo e demais interessados.

Até o momento da redação deste artigo, as publicações no Facebook coincidem com os temas abordados no material didático do projeto: que é política; a diferença entre democracia e autoritarismo; relações internacionais; sistemas eleitorais; políticas



públicas; entre outros. Antes da publicação dos vídeos, são realizadas as “chamadas”, que consistem em publicações nas redes sociais com o objetivo de “chamar a atenção” do usuário para o Projeto e o tema a ser abordado, com textos curtos apresentando o tema da semana. Por exemplo, quando da publicação do vídeo que discutia o conceito e a aplicação das chamadas “Políticas Públicas”, nos dias anteriores foram publicados pequenos textos chamando atenção para a data de publicação do vídeo, além de indicar alguns dos temas que seriam discutidos no mesmo.

Além disso, passamos a publicar vídeos com depoimentos de docentes e discentes das escolas anfitriãs. No futuro próximo, também, a gravação de vídeos com especialistas externos à UNIRIO, buscando abordar os assuntos pertinentes ao projeto de pontos de vista não exclusivamente acadêmicos - entrevistas com diretores de escolas públicas, colaborações com ex-alunos do curso de Ciência Política, dentre outros.

4. Dados de recepção nas redes sociais

O projeto Ciência Política nas Escolas já contava com páginas nas redes sociais anteriormente, mas com um nível de atividade menor e publicações menos regulares, coincidindo, principalmente, com visitas a escolas ou reuniões importantes que eram compartilhadas pelas mídias sociais. Nessa nova fase, optou-se por uma atividade maior, mais proativa e que oferecesse mais espaço para engajamento - conteúdos que são congruentes com o objetivo do projeto em si.

Apesar do Projeto contar com perfis em diversas redes sociais, focamos, no presente artigo, a análise do alcance em duas plataformas que representam nosso maior investimento atual: o Facebook e o Instagram. Justifica-se essa escolha com base na popularidade destas redes e por serem ambientes considerados ideais para recebimento do tipo de conteúdo que se optou por produzir.



4.1 Terminologia e *software* utilizado

Para a análise de dados aqui apresentada, utilizou-se do *software Iconosquare*: uma ferramenta de análise de redes sociais parceira tanto do Facebook, quanto do Instagram. Apesar das redes citadas contarem com suas próprias ferramentas disponíveis para administradores e moderadores de perfis, são dados rasos e que não atingem um nível de detalhamento considerado ideal.

Utiliza-se o termo “publicação” para se referir de maneira geral a qualquer tipo de conteúdo publicado nas páginas analisadas. Abrange, então, tanto publicações no meio principal da rede escolhida, quanto *stories*, para fins de consistência e clareza nas análises.

Trata-se de “seguidores” todos os usuários que constam na lista de apreciadores da página do Instagram “Ciência Política nas Escolas”, ou seja, todos os usuários que escolheram receber nosso conteúdo em sua página principal. Para o Facebook, utiliza-se o termo “curtidores” e “seguidores” intercambiavelmente, pois desempenham o mesmo papel, e são, essencialmente, equivalentes aos seguidores do Instagram.

Define-se engajamento, no Instagram, como sendo o resultado da soma entre número de curtidas e comentários recebidos, dividido pelo número de seguidores no momento da publicação. Já no Facebook, o cálculo muda para uma soma entre o número de curtidas, comentários, cliques e compartilhamentos, dividido pelo alcance das publicações no período analisado.

Alcance se refere ao número total de vezes que seus objetos de mídia, aqui referidos como publicações, foram vistos individualmente no período escolhido. Similarmente, a métrica Impressões revela o número total de visualizações das publicações escolhidas, sem que se leve individualidade em conta.

4.2 Limitações

Tendo em vista que os dados aqui explorados são novos, encontrou-se dificuldade em estabelecer comparações que não baseadas nas estimativas fornecidas



pelo *software* aqui utilizado. O *Iconosquare* é limitado pela quantidade de informação que as redes sociais aqui analisadas (no caso, Facebook e Instagram) se propõem à disponibilizar para análise. Idealmente, a opção seria pela elaboração de uma ferramenta própria para a busca das informações aqui analisadas, mas, por conta de limitações de tempo e dificuldade da extração de dados no Facebook e no Instagram, recorreremos a um *software* autorizado pelas referidas plataformas com o objetivo de tornar mais viável a análise quantitativa.

A compreensão de expansão do projeto para alunos do ensino médio da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro baseada apenas nas redes sociais e pelo viés quantitativo mostra-se limitada, mas também inevitável na atual conjuntura de pandemia. Como apresentado, as redes sociais permitem maior facilidade em alcançar um público muito maior do que aquelas desenhadas inicialmente para o Projeto.

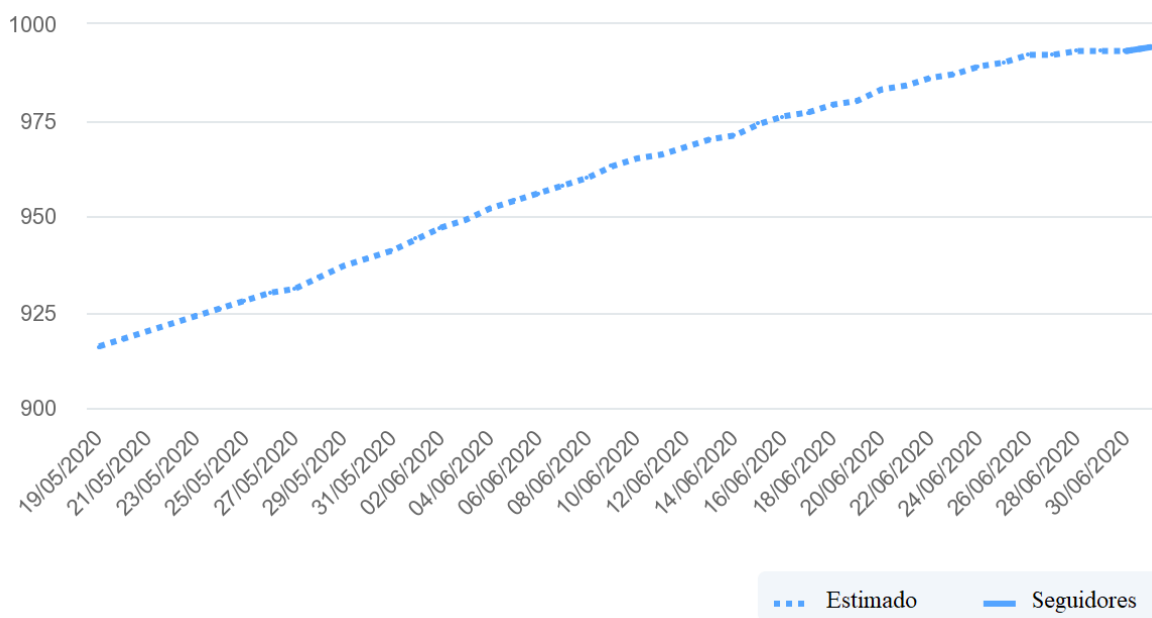
Devemos levar em conta que a pandemia dificulta muito o acesso à dados qualitativos do público-alvo do Projeto, que como sabido foi desenhado inicialmente para ser desenvolvido presencialmente. A premissa de que parcela considerável do público abordado pelo projeto pode não ter acesso fácil às redes sociais é uma preocupação sempre presente tanto na execução do dia a dia do projeto como na análise empreendida no presente artigo. A apresentação dessas limitações recomenda o exercício da cautela no que diz respeito à tomada de decisões que se baseiem exclusivamente nos números aqui apresentados, pelo menos até um momento de maior disponibilidade para o retorno das atividades presenciais.

4.3 Análises referentes ao Instagram

Escolheu-se o recorte do dia 19 de maio de 2020 até o dia 02 de julho de 2020 para a análise, pois a reunião que decidiu a remobilização das redes sociais ocorreu no dia 26 de maio de 2020. Assim sendo, optamos por iniciar o período de análise uma semana antes dessa data para estimar como era o movimento com a página ainda pouco ativa.



Gráfico 1 - Estimativa de crescimento Evolução de seguidores no Instagram
19/05/2020 a 02/07/2020



Fonte: Elaboração própria

Por limitações do próprio algoritmo do Instagram, não é possível ter registro exato do crescimento de seguidores, então a ferramenta utilizada (*Iconosquare*) fornece um gráfico de crescimento proporcional diário do ganho de seguidores. Ao todo, de 19 de maio de 2020 até 30 de junho de 2020, estima-se um crescimento aproximado de 8.64%, com um ganho bruto sendo por volta de 79 seguidores. No entanto, não se pode analisar os números brutos de seguidores como uma métrica de sucesso de uma página. Apesar de uma alta quantidade de pessoas seguindo a página ser algo positivo, essa análise não diferencia usuários ativos de inativos. Portanto, para melhor entender como interpretar a contagem de seguidores da página, põem-se em perspectiva com os dados de engajamento, para que se descubra quantos destes seguidores realmente interagem com o conteúdo publicado.

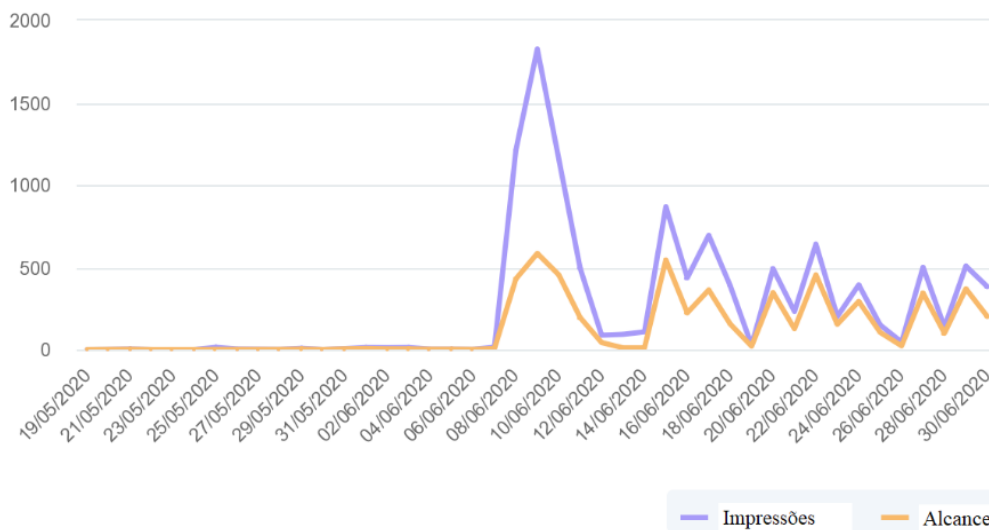
Assim sendo, a métrica de engajamento da página do Instagram encontrou um resultado de 13,18% no mesmo período analisado acima. Em artigo publicado em 2019,



intitulado “*Analysis of Growth Strategies in Social Media: The Instagram use Case*”, Paolo Bellavista, Luca Foschini e Nicola Ghiselli, realizam um cálculo para estipular qual seria a taxa de engajamento ideal para diferentes faixas de seguidores. Para páginas com uma quantidade de seguidores equivalentes à da página “Ciência Política nas Escolas”, têm-se como ideal uma taxa de engajamento igual ou menor que 8%, tendo em mente que, de acordo com a abordagem de Bellavista, Foschini e Ghiselli (2019), espera-se uma margem de usuários inativos dentro do número bruto de seguidores em uma página. Nota-se, no entanto, que a página aqui analisada excede essa expectativa em 5,18 pontos percentuais. Com esse dado, interpreta-se seguramente o crescimento de seguidores como sendo positivo e acima da curva proposta por Bellavista, Foschini e Ghiselli (2019).

Dessa forma, podemos afirmar que o engajamento é uma métrica que revela muito mais do que o número bruto de seguidores, pois comentários, curtidas e compartilhamentos produzem o que se chama de alcance viral - ou seja, qualquer alcance gerado através da interação de outros usuários com o seu conteúdo. Além disso, revela o quanto de seus seguidores estão, efetivamente, interagindo com o conteúdo.

Gráfico 2 - Histórico de Alcance e Impressões no Instagram
19/05/2020 a 02/07/2020



Fonte: Elaboração própria



Na Imagem 2, calculamos o Histórico de Alcance e Impressões do perfil do Instagram. Mantendo consistência no recorte de tempo, encontrou-se uma média de 666,7 Impressões por publicação e um alcance médio de 542,9 por publicação, resultando em uma média de alcance por publicação de 55,8% em relação aos seguidores do perfil. Ambas as métricas superaram um crescimento médio de 100% em relação ao período de menor atividade do perfil. Nota-se que os picos no gráfico acima coincidem com os períodos de publicação rotineira da página, onde o primeiro, mais discrepante, refere-se à publicação que apresentou o projeto Ciência Política nas Escolas para o público.

4.4 Análises referentes ao Facebook

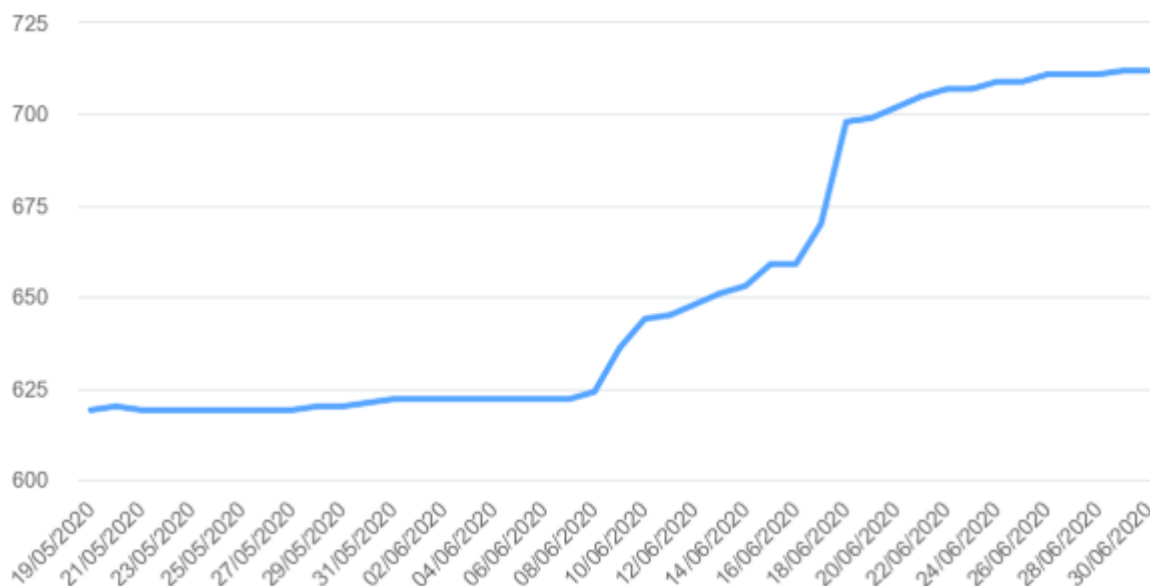
Com métricas notavelmente menos desenvolvidas que o Instagram, ainda assim o Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas no ocidente, e o projeto aqui analisado espelha suas publicações tanto no Instagram, quanto no Facebook. A quantidade de curtidas em uma página é a métrica que permite analisar quantos usuários se sentiram confortáveis visualizar as publicações de um perfil em sua página inicial, de acordo com a regularidade que são realizadas. Refere-se a página inicial como sendo o que o site denominado *feed* de notícias.

Mantém-se a consistência ao escolher o período de 19 de maio de 2020 até o dia 30 de junho de 2020.



Gráfico 3 - Evolução de curtidas na página do Facebook

19/05/2020 a 30/06/2020



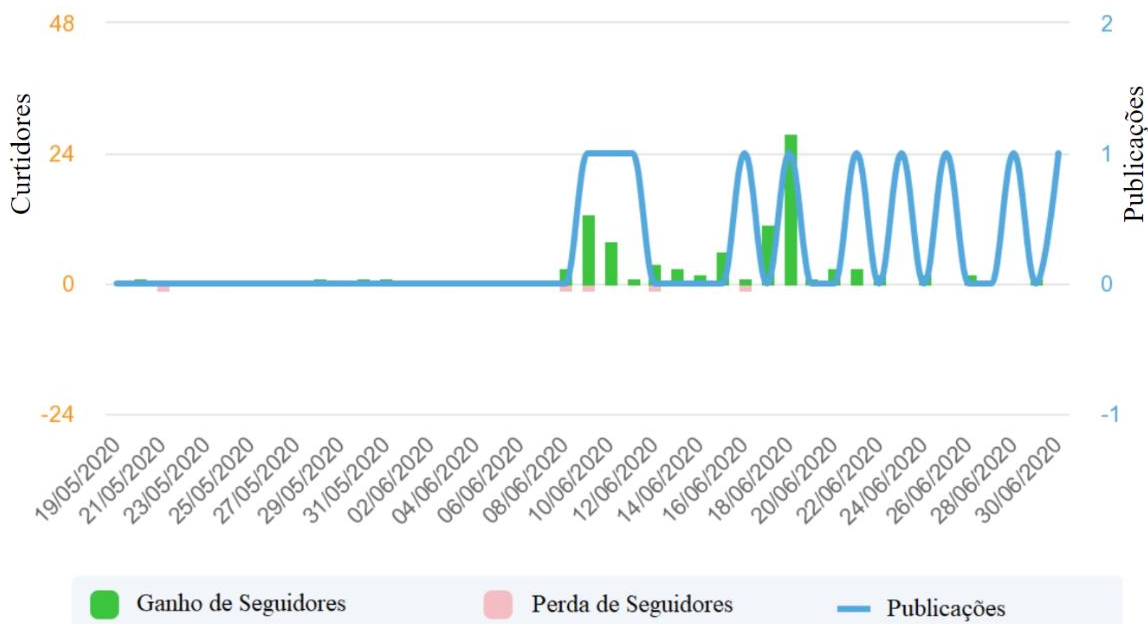
Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados da Imagem 3, o número inicial de curtidas na página é de 619, durante o seu período de baixa atividade. Inicialmente percebemos um crescimento baixo, com a flutuação da linha, até o dia 08 de junho, momento em que a divulgação do perfil “Ciência Política nas Escolas” toma força. Como pode ser percebido, temos um crescimento constante desde então, com o pico estabelecido no dia 18 de junho, o maior pico de ganho de curtidores presente no período analisado, que coincide com a publicação de um dos vídeos introdutórios sobre os temas do material didático, ou seja, um momento onde se esperava força e onde investiu-se na divulgação. O ganho total de seguidores - ou seja, de curtidas no Facebook - foi de 98 pessoas durante esse período.

Com a finalidade de entender melhor os dados apresentados, observa-se a relação entre publicações e ganho de curtidas ao longo do recorte de tempo aqui proposto.



Gráfico 4 - Relação entre publicações e ganho ou perda de curtidores na página do Facebook
19/05/2020 até 30/06/2020



Fonte: Elaboração própria

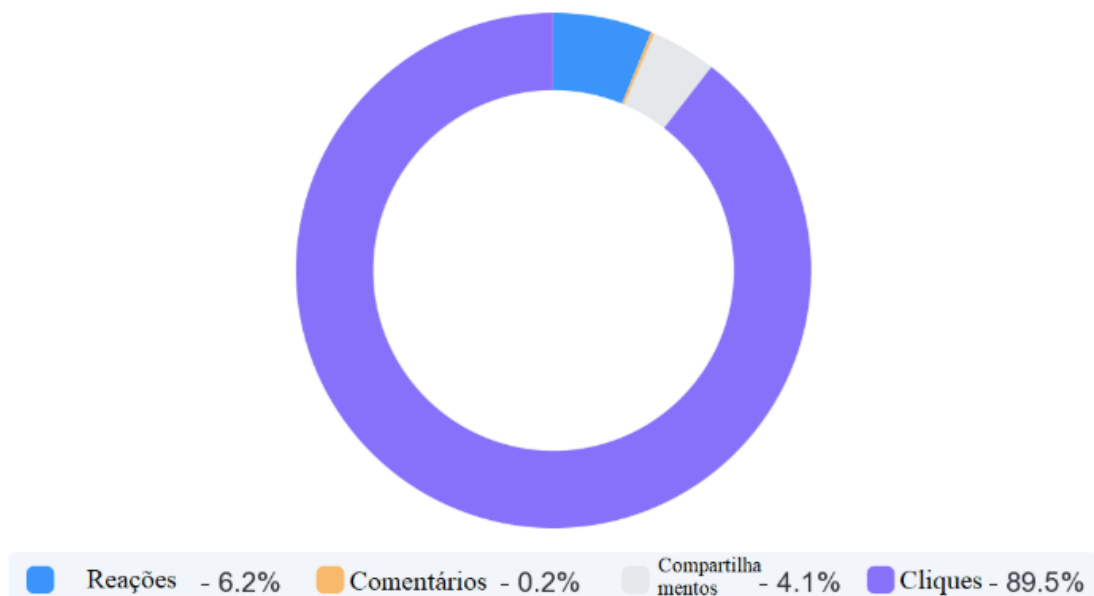
A partir dos dados apresentados na Imagem 4, torna-se claro que as curtidas na página aumentam em congruência com as publicações regulares propostas pelo projeto. No entanto, por motivos similares ao Instagram, não se pode tomar curtidas como um número bruto de sucesso, por isso, novamente, recorreremos ao engajamento para uma melhor percepção sobre o quanto essas curtidas se traduzem como usuários ativos e que, conseqüentemente, geram maior alcance para a página.

Estabelece-se a mesma base previamente utilizada no Instagram de referência para um percentual ideal de engajamento no Facebook, ou seja, algo em torno de 8%, mantendo em mente a quantidade de curtidores. Na página de Facebook Ciência Política nas Escolas, encontra-se uma taxa de engajamento por alcance de 16.92%, ou uma média de 468 engajamentos por publicação. Superando ainda maior a margem obtida no Instagram, este dado não surpreende, pois o *modus operandi* do Facebook



estimula maior engajamento que o Instagram, mas excede expectativas, tendo em vista que o Instagram se mostra mais ativo para o público-alvo aqui atingido.

Gráfico 5 - Distribuição de Engajamento nas Publicações do Facebook
19/05/2020 a 30/06/2020



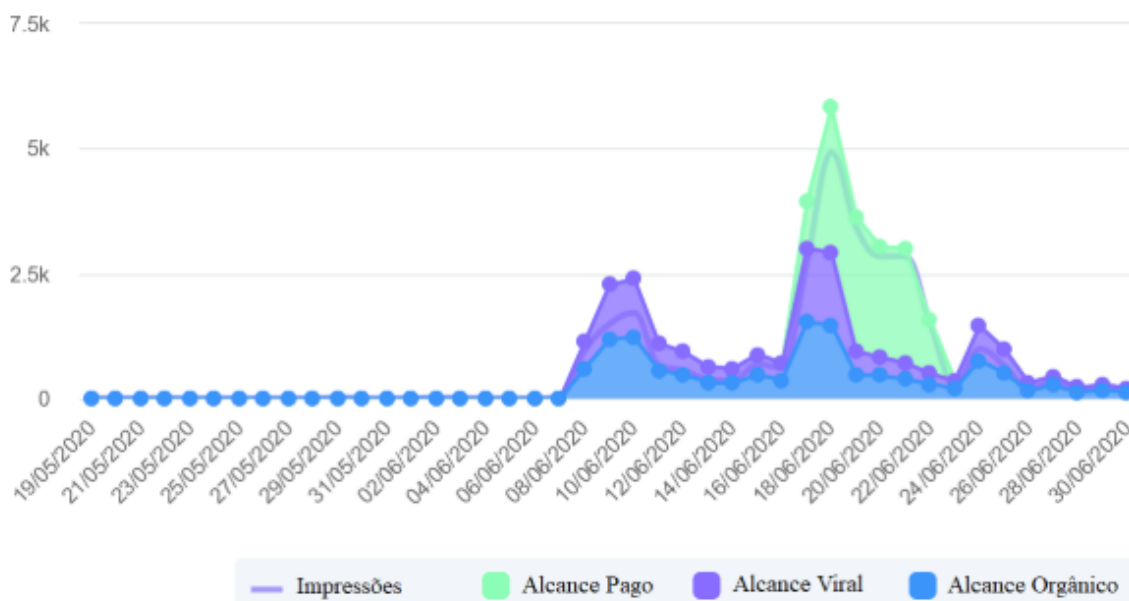
Fonte: Elaboração própria

O período escolhido revela um total de 4.700 engajamentos nas dez publicações realizadas pela página. Dá-se importância ao fato de que a maior parte dos engajamentos vem do clique ou toque, pois mostra que os usuários não passam direto pelas publicações que os alcançam, ou seja, os seguidores que encontram as publicações demonstram interesse, sendo um resultado positivo em uma métrica extremamente importante para se analisar recepção do conteúdo proposto.



Gráfico 6 - Histórico de Alcance e Impressões da Página do Facebook

19/06/2020 a 30/06/2020



Fonte: Elaboração própria

Os dados da Imagem 6 mostram o histórico de Alcance e Impressões na página do Facebook, considerando ainda o único alcance post “pago” até agora do Projeto. Para fins de esclarecimento, define-se alcance pago como sendo o alcance resultado do impulsionamento de publicações, ferramenta do Facebook onde se pode utilizar de dinheiro para aumentar o alcance da sua publicação. Optou-se por promover uma publicação “paga” em razão de uma oferta gratuita do Facebook para impulsionar qualquer publicação do perfil “Ciência Política nas Escolas”.

Já o alcance viral refere-se ao alcance gerado por usuários atingidos por uma publicação porque outros usuários comentaram, compartilharam ou interagiram de qualquer forma com as publicações da página; enquanto o alcance orgânico revela a quantidade de usuários que visualizam as publicações da página naturalmente, sem distribuição paga e sem contar com outros usuários para tal. Apesar da forma mais constante - e, logo, confiável - de alcance orgânico, nota-se que o impulsionamento de publicações produz um crescimento nas demais modalidades de alcance, sendo uma ferramenta essencial para permitir controle em relação a quanto um conteúdo pode gerar impressões ou alcance.



Quanto às métricas de alcance e impressão, o padrão continua acima da curva. Durante o recorte temporal selecionado, encontramos um alcance de 2.400 usuários por publicação, com uma média de crescimento de 404.67 pontos percentuais em comparação com o período anterior. Mesmo tendo em mente que a página se encontrava pouco ativa, trata-se de um crescimento muito relevante em comparação com os números brutos anteriores, quando a página alcançava bem menos de mil usuários.

As impressões seguem a mesma métrica, encontrando 28.900 Impressões totais, dividindo-se entre 15.700 Impressões geradas organicamente e 12.500 geradas por utilização de meios monetários para impulsionamento de publicações. Encontra-se uma média de 2.800 impressões por publicação, superando para além de 100% o período anterior.

5. Considerações finais e relevância do estudo

A análise aqui proposta revela números com taxas maiores que a média – quando tomamos como parâmetro a literatura recente sobre o tema, vide Bellavista, Foschini e Ghiselli (2019) - das redes sociais do projeto de extensão Ciência Política nas Escolas. Apesar de não ser uma conclusão particularmente surpreendente, tais análises contribuem para reforçar a ideia de que o uso de redes sociais aumentou com o período de pandemia, tendo a Internet se tornado um importante recurso, desde escolas que aplicam métodos de ensino à distância, até escritórios adeptos do *home office*.

O atual momento mostra que o investimento nas redes sociais e a adaptação para formas mais modernas de alcançar não só o público alvo de um projeto, mas o público em geral, inicialmente projetado para visitas presenciais às escolas de ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro, se mostrou a forma mais viável para manter a atuação do Projeto. Ademais, a facilidade de propagação de informação permite que projetos cuja finalidade envolva contato com um determinado perfil etário e educacional atinja públicos que não poderiam outrora ser alcançados. Dessa maneira, cabe observar que o público alvo do projeto de extensão “Ciência Política nas Escolas”



se encontra em uma faixa compreendida entre 15 e 18 anos (intervalo de idade dos alunos matriculados no ensino médio), mas que atualmente nossas redes sociais atingem um público muito maior, apesar do recente baixo contato presencial com as escolas.

A dificuldade de acessibilidade presencial é um dos grandes desafios a serem superados na crise mundial causada pela Covid-19, e as redes sociais são ferramentas indispensáveis para atingir um público que, sem elas, encontrava-se distante e indisponível. Para além de permitir a conexão com esses alunos, traz o benefício de expandir o objetivo inicial do projeto para além dos muros da universidade e do próprio alcance esperado pelo projeto em seus primeiros anos de existência.

Encontra-se, em um momento onde o excesso de conteúdo na internet chega a ser considerado um problema - em razão do acúmulo de textos, artigos, notícias e vídeos que ocupam grande parte das redes sociais de um usuário comum - um espaço no qual, finalmente, se busca mais conteúdo, se interage mais, assistem-se mais vídeos, popularizam-se as *livestreams* - vídeos ao vivo -, entre outros. É, em anos, um solo extremamente fértil para que projetos de extensão possam realizar sua divulgação para um público em massa que, a julgar pelo exemplo das páginas aqui analisadas, buscam conteúdo de forma ainda mais ativa do que antes.

Referências

BELLAVISTA, Paolo. FOSCHINI, Luca. GHISELLI, Nicola. **Analysis of Growth Strategies in Social Media: the Instagram Use Case**. IEEE 24th International Workshop on Computer Aided Modeling and Design of Communication Links and Networks, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336336530_Analysis_of_Growth_Strategies_in_Social_Media_The_Instagram_Use_Case>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

BRASIL. **Decreto N° 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que o ensino superior do Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 28/09/2020

DE PAULA, João Antônio. A Extensão Universitária: História, Conceitos e Propostas. Interfaces, **Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em



<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>>.
Acesso em: 10 de jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de Extensão Universitária: um Diálogo com Paulo Freire**. Grupo de Pesquisa em Extensão Popular, v. 13, n. 8, 2013. Disponível em: <https://crystine-tanajura.webnode.com/_files/200000021-e6560e752b/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.